



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13102 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

VIVÊNCIAS DE PESSOAS COM AUTISMO QUE CONCLUÍRAM O ENSINO SUPERIOR EM PORTO VELHO/RO: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA DEFECTOLOGIA DE VIGOTSKI

Kétila Batista da Silva Teixeira - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Rafael Fonseca de Castro - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

VIVÊNCIAS DE PESSOAS COM AUTISMO QUE CONCLUÍRAM O ENSINO SUPERIOR EM PORTO VELHO/RO: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA DEFECTOLOGIA DE VIGOTSKI

Resumo: Este trabalho se refere a uma pesquisa que objetivou investigar vivências de um grupo de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) que concluiu o Ensino Superior em Porto Velho, Rondônia. A investigação se baseou na Teoria Histórico-Cultural, especialmente, nos postulados de Vigotski de vivência e sobre a Defectologia. Os critérios adotados para a seleção dos participantes foram: serem pessoas diagnosticadas com TEA, terem concluído o Ensino Superior em Porto Velho e aceitarem participar do estudo. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada e os dados coletados foram organizados e analisados por meio da abordagem dialética. Os achados da pesquisa, analisados à luz do conceito vigotskiano de vivência, revelaram que as relações com os familiares se constituíram no fator determinante para que os participantes obtivessem sucesso escolar e conseguissem concluir o Ensino Superior, corroborando com o pressuposto histórico-cultural de que a compensação social de limitações biológicas os fez superar as dificuldades enfrentadas, na socialização.

Palavras-chave: Vivência; Autismo; Ensino Superior; Defectologia.

Introdução

Nos últimos anos, observamos um crescimento exponencial de diagnósticos positivos de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Isso tem sido observado não somente no Brasil, mas em diferentes países. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Center for *Disease Control and Prevention* indicava a prevalência de um caso a cada 166 pessoas em 2004; um caso para cada 68 pessoas em 2014 e; em 2022, um caso em cada 36 crianças e adolescentes. Esse crescimento na identificação de pessoas com autismo impulsionou a atenção à garantia de direitos expressamente regulamentado não somente nos Estados Unidos, mas também no Brasil, pela Lei 12.764 (BRASIL, 2012) e pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015).

As garantias legais permitiram que caminhos fossem abertos para possibilitar a inclusão de pessoas com TEA e/ou com outras condições em espaços educativos. Em função do exposto, podemos dizer que investigar práticas de sucesso escolar de pessoas com TEA, que concluíram o Ensino Superior, mostra-se relevante e necessário para desconstruir estereótipos relacionados às pessoas com deficiência como inferiores e incapazes.

Diante desse contexto, este trabalho se remete à pesquisa que objetivou investigar vivências de um grupo de pessoas com TEA que concluiu o Ensino Superior na cidade de Porto Velho, capital de Rondônia, Região Norte do Brasil. A referida pesquisa se baseou na Teoria Histórico-Cultural (THC), especialmente, nos postulados de Vigotski de vivência e sobre a Defectologia.

Em torno de um século atrás, Vygotski (2019) apresentou ao mundo uma concepção diferente para entender o desenvolvimento da pessoa com deficiência, que consiste em não focar na deficiência em si, sob o prisma de problema ou “defeito biológico”. Esse reposicionamento do fator biológico, como salienta Barroco (2007), permite transcendê-la, em busca de alternativas socioculturais que permitam compensar a falta ou déficit que se origina biologicamente. Neste trabalho, apresentamos resultados que relacionam as diferentes vivências de três pessoas com TEA que concluíram o Ensino Superior, procurando estabelecer relações entre o conceito de vivência e os pressupostos vigotskianos acerca da Defectologia.

Vivência em L. S. Vigotski

O contexto histórico-cultural das vivências influencia o desenvolvimento do indivíduo, independentemente de sua condição (VIGOTSKI, 2019). Isso porque a vivência é uma categoria da THC que conduz ao entendimento do processo de constituição humana. Em se tratando do conceito de vivência, não está envolvida apenas a formação da consciência humana de forma racional, mas pressupõe uma relação afetiva da pessoa com o meio e consigo mesma: a *perijivanie* (vivência) se constitui da relação entre os planos intersíquico e intrapsíquico (social e individual).

Com relação às pessoas com algum tipo de deficiência, Vigotski (2019) salientava que a compensação e o processo de desenvolvimento, em geral, não dependem apenas da gravidade da deficiência, mas das dificuldades impostas pelo meio social a partir da constatação e da socialização da condição biológica. As funções psicológicas superiores, nas pessoas com ou sem deficiência, desenvolvem-se permeadas pelas vivências que o indivíduo estabelece no meio social. E, no transcurso do desenvolvimento da pessoa com deficiência, a influência do meio e das vivências proporciona uma oscilação em um ou outro aspecto, ontologicamente.

Vygotski (1996) salientava que não é a situação por si só que define a vivência, mas o modo como se vive cada situação. Quando relacionamos o conceito de vivência aos fatores que influenciam o sucesso escolar das pessoas com TEA, por exemplo, observamos como ele é importante para estudos nessa área, já que o desenvolvimento do indivíduo depende da sua relação com o meio e que essa relação depende das vivências nesse meio. Nessa perspectiva, deve-se criar condições objetivas para que as pessoas com TEA vivenciem ambientes educativos adequados para que desenvolvam todas as suas potencialidades.

Estudar as vivências significa desvelar as necessidades e inclinações que determinam as atitudes dos indivíduos, pois o caráter das vivências define o estado das necessidades essenciais de cada pessoa em um dado meio social. No caso da nossa pesquisa, os participantes, todos eles diagnosticados com TEA, foi fundamental descobrir e problematizar sobre suas vivências no sentido de identificarmos em que situações vividas suas trajetórias educacionais foram bem-sucedidas e, também, os casos inversos. Daí, podemos identificar quais motivos marcaram mais fortemente essas vivências ao longo de suas trajetórias no Ensino Superior.

A pesquisa

Para apreender elementos das vivências dos participantes da pesquisa, pautamo-nos no método dialético (ASBAHR, 2011) – pressupostos teórico-metodológicos que funcionaram como luzes que iluminaram nosso caminho até a essência do fenômeno investigado.

A pesquisa foi realizada em Porto Velho e os critérios adotados para a seleção dos participantes foram: serem pessoas diagnosticadas com TEA, egressas do Ensino Superior e aceitarem participar do estudo. Participaram três pessoas, aqui identificadas por nomes fictícios: Ayrton Senna, Cesar Cielo e Rita Lobato. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) – realizada virtualmente em função das então restrições impostas pela pandemia de COVID-19. Os dados coletados foram organizados e analisados por meio da abordagem dialética (ASBAHR, 2011). Apresentaremos, a seguir, parte dos resultados da análise dos dados, relacionadas às vivências dos investigados no Ensino Superior.

As vivências das pessoas com TEA que concluíram o Ensino Superior

Os entrevistados, sujeitos singulares, apresentam histórias de vidas semelhantes em alguns aspectos, no entanto, diferentes em outros, porque, em se tratando de vivências, ainda que eles possam viver a mesma situação social, o meio tem efeito e sentido diferentes para cada um. No decurso das entrevistas, os participantes relataram que seus processos de escolarização foram bem sucedidos desde o início da Educação Básica até o Ensino Superior – mediante a participação ativa dos familiares, oferecendo condições sociais e afetivas de superação das dificuldades vivenciadas:

[...] era muito contato entre a escola e minha mãe. (Ayrton Senna)

Minha família sempre me ajudou muito, tive o apoio dos familiares para superar [...] Tive a ajuda dos meus pais, das terapias. (Cesar Cielo)

Minha mãe me estimulou muito em casa, porque ela tem muito interesse em psicologia, gestão de pessoas, ela foi minha terapeuta ocupacional a minha vida toda, ela fazia tudo que é tipo de terapia ocupacional que pode ter, atividades lúdicas, tudo isso ela fazia comigo, sem saber ela fazia isso, eu dou graças a Deus a minha mãe. (Rita Lobato)

O modo como eles revelam algumas zonas de sentido sintetiza relações singulares com suas famílias em seus processos de escolarização. Encontramos, nas falas de Senna, Cielo e Lobato, significações e indícios de que a família foi essencial nesse sentido. Essas falas vão ao encontro do que Vigotski (2018) discutiu sobre a importância do meio vivenciado pelo indivíduo no ambiente familiar, e o quanto ele influencia o desenvolvimento de cada pessoa.

Contudo, mesmo eles tendo vivido a escola sob uma estrutura familiar que foi fundamental para o seu sucesso escolar, os três vivenciaram práticas excludentes no Ensino Superior:

Geralmente, o curso de Direito são cinco anos. Fiz em sete anos, acabei reprovando em algumas matérias, alguns barulhos me incomodavam, tinha dificuldade de concentração, que causava irritação, além de algumas explicações de alguns professores não serem tão claras. (Ayrton Senna)

Não tive nenhuma promoção de inclusão ou atividade inclusiva ao longo do meu curso superior. O máximo foi apoio psicológico. Foi difícil me adaptar na faculdade. Sofri bullying na faculdade, teve uns que afetaram negativamente [...]. Dificuldades em algumas matérias, porque passavam na prova o conteúdo diferente do ensinado em sala. (Cesar Cielo)

Eu tive outras experiências ao longo da faculdade de Medicina que me foram negativas no sentido de preconceito e adversidades no próprio meio médico. Me sentia cobrada externamente, tinha uma autocobrança também muito grande, tive experiências onde

eu ouvi que eu não poderia ser médica [...]. Porque eu tive bastante dificuldade, por exemplo, em sala de aula, na realização de provas, de fazer as provas no tempo esperado, de conseguir fazê-las em um ambiente movimentado com muitos alunos em tempo hábil, e conseguir responder múltiplas questões objetivas que, para mim, não eram tão objetivas, assim, de forma assertiva; não era fácil para mim todas as vezes ter que realizar avaliações, principalmente, aquelas surpresas, porque eu sou uma pessoa que busca previsibilidade. Houve momentos em que eu não superei e tentei suicídio durante a faculdade de Medicina. Para mim, foi um momento onde eu senti que não poderia realizar o meu sonho, porque me sentia totalmente oprimida pelo ensino tradicional e era muito difícil acreditar que eu fosse superar uma coisa que, por lei, é considerada deficiência, mas eu percebi que o autismo não me define, não limita os meus sonhos, ele me completa. (Rita Lobato)

Esses relatos nos levam a pensar que, mesmo em pleno século XXI, quando, “em tese”, há garantias legais de inclusão, vivenciamos práticas discriminatórias, de preconceito e exclusão. E, ainda mais grave, em faculdades, que deveriam ser ambientes educativos preparados para formar todos os indivíduos, nas diferentes áreas de conhecimento, aptos a se inserirem em diferentes setores da sociedade.

Mesmo diante das dificuldades vivenciadas pelos entrevistados, além da família, outra peça relevante relatada foi o acompanhamento psicológico com especialistas e terapeutas, como é possível observar nas falas de Senna e Cielo:

Eu passei a ter tratamento com psicólogo aos 13 anos. E, depois dos 14 anos, comecei a ter tratamento com um psiquiatra, que foram fundamentais. (Ayrton Senna)

No Ensino Superior, tive a ajuda das terapias e dos remédios que me ajudaram muito. (Cesar Cielo)

Rita Lobato revelou que o sistema de relações sociais que estabeleceu com alguns professores, que a olharam para além do diagnóstico e buscaram formas alternativas de avaliar, foi um apoio importante à conclusão do Ensino Superior:

Tive alguns professores que foram anjos na minha vida e que, inclusive, tomaram algumas atitudes para que eu fosse incluída em um ambiente mais acessível, mesmo contra a própria coordenação da instituição, [...] a professora me acolheu, me ouviu, investiu em mim e confiou que eu tinha um conhecimento da disciplina a partir de outras formas alternativas e começou a me avaliar de diversas outras maneiras com as quais eu consegui realmente demonstrar que eu tinha domínio do conteúdo. (Rita Lobato)

Nas vivências de nossos entrevistados, observamos que o sucesso escolar foi produzido por múltiplos determinantes, remanescendo marcas oriundas de um sistema competitivo e excludente. Todavia, as vivências que permearam os processos de escolarização

desses sujeitos revelam experiências relevantes para o debate acerca da diferença no Ensino Superior, tanto as negativas como as positivas. Precisamos pensar criticamente sobre a prática educativa como condição para o desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo com TEA, desde a Educação Básica até o Ensino Superior.

Considerações finais

No presente texto, revelamos vivências de um grupo de pessoas com TEA que concluiu o Ensino Superior em Porto Velho. Os relatos dos três participantes revelam que as relações com os familiares se constituíram no fator determinante para que obtivessem sucesso escolar e conseguissem concluir essa etapa do ensino. O acompanhamento de profissionais e a medicação adequada também foram fatores preponderantes.

Atualmente, Rita é médica, Cesar é engenheiro e Ayrton advogado. Todos atuam em suas áreas de forma a reafirmar o pressuposto vigotskiano de compensação de limitações biológicas – que os fez superar as dificuldades enfrentadas, pela socialização. E que limitações oriundas de fatores biológicos são passíveis de superação quando corretamente dirigidas e orientadas em uma atividade educativa. Contudo, são necessários mais estudos acerca da atenção às pessoas com transtornos e deficiências no Ensino Superior brasileiro, discussão que só está começando.

Referências

- ASBAHR, Flávia S. F. **Por que aprender isso, professora? Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico cultural**. 2011. 201 f. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 2011.
- BARROCO, Sonia M. S. **A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L.S. Vigotski: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais**. Araraquara. 2007. 414f. (Tese doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.
- BRASIL. **Lei nº 12.764, 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, 28 dez. 2012.
- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 6 jul. 2015.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.
- VIGOTSKI, Lev S. **Obras Completas - Tomo Cinco; Fundamentos de Defectologia**.

Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2019.

VYGOTSKI, L. S. **La crisis de los siete años**. In. VIGOTSKI, L. S. Obras Escogidas. Tomo IV. Madrid: Visor, 1996.